

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
SOCIOLOGIA E POLÍTICA

Felipe Daniel Paludetti

GAYS DE DIREITA

São Paulo
2018

RESUMO

O presente projeto pretende propor a efetivação de uma pesquisa que visa investigar a participação de lésbicas, gays, bissexuais e transsexuais (LGBT) em grupos conservadores, com intuito de observar as justificativas e argumentos que se articulam na defesa e participação de movimentos de *direita*, bem como compreender as formas de engajamento dentro e através deles. A exposição desses sujeitos na cena pública se dá em um período importante, uma vez que algumas alas da direita tem conquistado espaços importantes de poder.

Palavras-chave: Sexualidade; Neoconservadorismo; LGBT; Gênero; Direita

ABSTRACT

The present project intends to propose a research aimed at investigating the participation of lesbians, gays, bisexuals and transsexuals (LGBT) in conservative groups, in order to observe the justifications and arguments that are articulated in the defense and participation of right - as well as understanding the forms of engagement within and through them. The exposure of these subjects in the public scene occurs in an important period, since some wings of the right have conquered important spaces of power

Keywords: sexuality; neoconservatism; LGBT; gender; political right

Meu primeiro contato com o grupo se deu no dia 3 de Abril de 2018 onde atos por todo país pediam a prisão do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, prestes a ser condenado a 12 anos e 1 mês de prisão por corrupção e lavagem de dinheiro no caso do tríplice no Guarujá, litoral de São Paulo¹. Neste dia, em meio a cartazes patrióticos e anticomunistas, era possível notar algo que destoava do padrão recorrente das manifestações daquele tipo. Entre cartazes e bandeiras de conteúdo ofensivo ao ex-presidente que realçavam a cor verde e amarela, notei uma bandeira composta por barras horizontais que representam as diferentes cores do arco-íris. A bandeira que me refiro é um dos símbolos do movimento LGBT organizado, criada em 1978 para o Dia de Liberdade Gay em São Francisco, na Califórnia (Estados Unidos)² e reconhecida internacionalmente como símbolo de resistência e luta contra as opressões que a orientação homossexual e identidade transexual sofrem cotidianamente.

Notar essas bandeiras nessa manifestação causou estranhamento dado a forma como esses movimentos conservadores³ no Brasil tratam questões relacionadas à orientação sexual e a identidade de gênero, travando disputas contra pautas consideradas progressistas a favor da comunidade LGBT, entre elas a união homoafetiva e casamento igualitário, adoção de crianças por casais do mesmo sexo, reconhecimento à retificação de nomes de pessoas trans e a não patologização da orientação homossexual e transexual, reivindicando uma cura para a homossexualidade e transsexualidade por acompanhamento psicológico, chamada de “cura gay”.

A primeira interlocução com os participantes desses movimentos se deu no dia 29 de setembro de 2018 na manifestação de apoio ao então candidato à presidência da república, Jair Bolsonaro, chamada de “Marcha pelo #EleSim”, às vésperas do segundo turno da eleição presidencial, também obtive contato com participantes no ato “PT Nunca Mais”, realizada no dia 21 de outubro de 2018⁴. Em ambos os casos foram incorporadas bandeiras do arco-íris,

¹ O ato foi organizado e pelos mesmos movimentos protagonistas das manifestações contra o governo da presidenta Dilma Rousseff em 2015, culminando em seu impeachment em 2016, entre eles o Movimento Brasil Livre (MBL), Vem pra Rua, Revoltados On-Line e Direita São Paulo (DSP).]

² A história de sua criação pode ser encontrada no link: < <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39466677>>. Acessado em 08/10/2018.

³ Esses grupos tem se inserido no debate civil e político com posicionamentos de cunho moral conservadores, além de se expressarem de forma neoliberal em pautas econômicas. Sendo uma percepção analítica com base na definição de conservadorismo na Europa e no Brasil de acordo com Michael Löwy (2015), disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.044>> - Acessado no dia 18/11/2018.

⁴ Desde novembro de 2017, realizo junto ao NEU (Núcleo de Etnografia Urbana e Audiovisual) da FESPSP (Fundação Escola de Sociologia e política) pesquisas survey acompanhadas de observação participante e monitoramento de redes, com o objetivo de levantar dados acerca da articulação de movimentos autodesignados *de direita*. A atuação como pesquisador e supervisor de campo dentro do núcleo me garantiu interlocução com pessoas homossexuais participantes de diversos movimentos, além da inserção em grupos online utilizados para organização e circulação de informações e conteúdo de interesse do movimento.

além da participação de mulheres transexuais e a subsequente aparição de um manifestante autodeclarado gay que foi convidado a subir no caminhão principal da manifestação, o mesmo onde foi transmitido o discurso do presidenciável⁵, onde ele falou da aceitação do público LGBT nos grupos favoráveis ao candidato.

A presença de LGBTs nestas manifestações nunca havia sido evidenciada através da bandeira, em novembro de 2017, por exemplo, quando a filósofa americana Judith Butler veio ao Brasil para participar do seminário internacional “Os Fins da Democracia / The Ends Of Democracy” em São Paulo, os mesmos organizadores das manifestações citadas anteriormente se planejaram e divulgaram por meio de correntes no Whatsapp e em grupos no Facebook, um abaixo assinado pedindo além do cancelamento do evento, para que Butler nunca mais viesse ao Brasil, por ser, de acordo com eles, a maior propagadora da chamada “ideologia de gênero”, ideologia essa que serviria para ensinar sexo nas escolas e subverter a noção do que seria “macho” e “fêmea” para crianças. Essa manifestação online acabou dando origem a um ato em frente ao SESC Pompeia, no dia em que a filósofa faria a abertura do seminário. Neste dia não foi possível notar a participação de homossexuais empunhando a bandeira do arco-íris. Butler, inclusive, lê essas manifestações, de acordo com Cyfer (2017) como uma “tentativa de dominar o medo do desconhecido tendendo a despertar um sentimento de ansiedade diante da diferença que fixa o outro como uma ameaça antes mesmo de este ter-nos feito qualquer mal”.

Na busca por estes grupos no Facebook foi possível identificar três deles. Todos ligados ao então candidato à presidência da república, Jair Bolsonaro. O maior, intitulado “Gays de Direita”, até o início de novembro possuía 685 participantes e havia sido criado em 14 de setembro de 2015. Outro grupo encontrado foi o “Gays de Direita Brasil =>” que possui cerca de 416 membros, criado em 28 de setembro de 2016, e o “Gays que apoiam Bolsonaro”, com 225 membros e criado em 6 de agosto de 2017. Importante ressaltar que por mais que os grupos usem no título a palavra “gay”, se referindo orientação sexual masculina, há uma variedade em menor número de mulheres cisgênero e mulheres transexuais. É interessante notar, inclusive, que todos os três grupos foram criados entre 2015 e 2017, período em que a efervescência política na chave do que viria nas eleições de 2018 estavam latentes, envolvendo o processo de impeachment e a tendência de Jair Bolsonaro lançar-se candidato.

⁵ O relato da transmissão do discurso de Bolsonaro pode ser lido em: < <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/folha-e-a-maior-fake-news-do-brasil-diz-bolsonaro-a-manifestantes.shtml>>. Acesso em: 01/11/2018.

Com exceção do grupo “Gays que apoiam Bolsonaro”, os outros dois grupos por se tratarem de serem restritos, se fez necessário entrar em contato com os administradores e pedir permissão para o trabalho de observação para fins acadêmicos do qual fui atendido prontamente, ao falar sobre a possibilidade de estudar o grupo fui aceito sem maiores restrições. A solicitação de entrada no grupo “Gays de Direita” no Facebook rendeu também uma passagem para o grupo de Whatsapp onde é destinada a maioria das mensagens dos membros. Intitulado “QG GDireita!”, de acordo com a descrição do grupo criado em 20 de abril de 2016, ele serve como porta de entrada para a propagação de ideias de direita entre o público LGBT, evitando a discriminação e até mesmo à violência física e verbal de outras pessoas.

No trabalho de observação desses grupos foi possível identificar uma enorme demanda de mensagens, principalmente contra os movimentos sociais LGBT criados entre os anos de 1970 e 1990 e considerado por eles como mais alinhados com a esquerda e por isso propagador de ideias esquerdistas que acabam estigmatizando outros homossexuais ao papel de coitados, disseminando “mimimi” entre o público, fazendo o trabalho de vitimização do movimento. Se por um lado esses grupos dizem não sentirem opressão oriunda do sistema heteronormativo⁶, por outro lado se sentem oprimidos pelo que eles reconhecem como “ditadura de esquerda” no movimento LGBT, reclamando diversas vezes do que eles definem como “linchamento virtual” que sofrem ao emitirem opiniões em grupos de discussão nas redes sociais.

Além de mensagens variadas que vão desde teorias da conspiração atrelando a disseminação do vírus do HIV pelos movimentos de esquerda⁷, até certo fetiche sexual por figuras militares e pelo filho do presidente eleito, o Deputado Eduardo Bolsonaro, o que ficou evidenciado nas mensagens dos participantes destes grupos é a ideia de se organizar para disputar espaço político dentro de organizações até então lideradas por grupos considerados por eles de esquerda, lançando posteriormente candidatos nas eleições municipais de 2020, acirrando assim as disputas pela propagação de ideias entre a comunidade LGBT. Estão sendo definidos encontros em São Paulo, Pernambuco e Rio de Janeiro para discussão dessas

⁶ Judith Butler (2017) afirma que a matriz de relações de gêneros são fronteiras rígidas construídas em performances normativas fixadas por serem repetidas vezes divulgadas e demonstradas. Seres, corpos, que não se acomodam a essas normas, são tratados como abjetos.

⁷ Integrantes do grupo acreditam que os governos de esquerda tem provocado o extermínio da população homossexual por meio de campanhas de DST/AIDS, de acordo com ele, através da promoção de propagandas campanhas enganosas acerca de preservativos distribuídos nas paradas LGBT se incentivaria a promiscuidade sexual fazendo com que mais doenças surgissem.

pretensões. Importante ressaltar que a grande maioria, devido às eleições presidenciais de 2018, se filiou ao Partido Social Liberal (PSL), partido de Jair Bolsonaro.

O que os levou a aderir ao discurso conservador? Como se dará a organização e quais caminhos esse grupo irá tomar é o desafio que essa pesquisa se propõe a investigar. Para, além disso, ficam outros questionamentos, dentre eles, como se dará a relação deles dentro dos movimentos e partidos conservadores e o que virá de sua participação para além das eleições? Como será a reação do movimento LGBT já enraizado e coligado com pautas e partidos progressistas? Os LGBT's de direita enxergam como um novo tipo de movimento social rompendo com os movimentos tradicionais?

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

_____. **O parentesco é sempre tido como heterossexual?**. In Cadernos Pagu, nº 21, 2003, p. 219-260. Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp. Disponível em: www.scielo.org. Acesso em: 20/11/2018.

CYFER, Ingrid. **A bruxa está solta: os protestos contra a visita de Judith Butler ao Brasil à luz de sua reflexão sobre ética, política e vulnerabilidade**. cadernos pagu, n. 53.